



Psicologia: Reflexão e Crítica

ISSN: 0102-7972

prcrev@ufrgs.br

Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Brasil

Sterza Justo, José; Costa do Nascimento, Eurípedes
Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada
Psicologia: Reflexão e Crítica, vol. 18, núm. 2, maio-agosto, 2005, pp. 177-187
Universidade Federal do Rio Grande do Sul
Porto Alegre, Brasil

Disponível em: <http://www.redalyc.org/articulo.oa?id=18818205>

- Como citar este artigo
- Número completo
- Mais artigos
- Home da revista no Redalyc

redalyc.org

Sistema de Informação Científica
Rede de Revistas Científicas da América Latina, Caribe, Espanha e Portugal
Projeto acadêmico sem fins lucrativos desenvolvido no âmbito da iniciativa Acesso Aberto

Errância e Delírio em Andarilhos de Estrada

José Sterza Justo¹
Eurípedes Costa do Nascimento
Unesp, Assis

Resumo

Os andarilhos freqüentemente caminham pelas estradas sem destino como nômades que renunciam a fixação geográfica e social. Não é raro encontrar andarilhos de estrada com manifestações de visões e pensamentos delirantes. O objetivo desta pesquisa é investigar possíveis conexões entre a movimentação constante dos andarilhos e a eclosão de delírios. Coletamos dados com andarilhos, explorando especificamente os conteúdos alusivos à representação de si, de seu mundo e de sua caminhada. Os andarilhos persecutórios, megalomaniacas e depressivos, superinvestidos afetivamente, aparecem com freqüência nos pensamentos, no passado e nas reflexões sobre os motivos do deslocamento constante. Os resultados sugerem que há uma forte relação entre o constante e sem destino e as idéias e visões delirantes que os acometem.

Palavra chave: Movimento constante; andarilhos de estrada; pensamento delirante.

Wandering and Delirium in Highway Wanderers

Abstract

Wanderers often walk across the highways without destiny, like nomadic that renounce geographical, psychological and social fixation. It is not rare to find wanderers with manifestation of visions and delirious thoughts. We intend to research possible connections between the constant moving of wanderers and the outbreak of the delirious. We collected and analyzed the wanderers' thoughts about themselves, their world and their walk across the highways. The results suggest that there is a strong relation between constant and without destiny moving and the delirious thoughts that emerge inside them.

Keywords: constant moving; wanderers; delirious thoughts.

Supermodernidade, modernidade tardia e pós-modernidade. Sejam quais forem os nomes dados à contemporaneidade, inegavelmente vivemos numa época em que a flexibilidade, a pluralidade, a expansão do tempo e do espaço, a realidade virtual, a exigência de movimentação e a incerteza povoam sobejamente o cotidiano do sujeito. O ser humano vive hoje uma condição de desenraizamento sem precedentes que o torna um sujeito circulante, em movimento, seja no espaço geográfico, seja no social e psicológico.

Associado a um complexo conjunto de fatores que modelam o mundo contemporâneo – tais como a globalização, a virtualização da realidade, a aceleração do tempo, a substituição dos espaços fechados (lugares) pelos espaços abertos (não lugares), a dispersão, o desemprego e a pobreza – o fenômeno da *errância* se expressa com maior radicalidade na figura extrema dos andarilhos de estrada: sujeitos que perambulam sem destino

perspectivas e sonhos de encontrar terra, de ter uma moradia e fixar-se num lugar. O andarilho, dado aos desertores na época do colonialismo, significa *mania deambulatória* (dromomania). Eles estão há bastante tempo “vivendo” a perambulação pelas estradas, numa condição de *andarilho* e a *errância* como forma de vida.

Assim como os *dromomanes*, os andarilhos da atualidade rompem com a fixação social, abandonam os lugares de afixação (família, trabalho, domicílio e terra). O *nomadismo* como forma de vida. Trazem um saco que levam às costas e mudas provisórias e rotativas. Normalmente, uma muda de roupa, um plástico

constantes da família (deslocamentos do nordeste para o sudeste, mudanças de regiões ou de propriedades rurais, êxodo do campo para a cidade), baixa escolaridade, desqualificação da mão-de-obra, uso abusivo de bebidas alcoólicas, conflitos familiares que incluem a morte dos pais e desentendimentos entre o casal, o desemprego prolongado, a desesperança, a falta de seguridade social, a desfiliação e tantos outros acontecimentos tornam o sedentarismo insuportável, impulsionando o sujeito a buscar na “estrada” alguma chance de minimizar o sofrimento (Castel, 1994, 1995/1998; Jacques, 1998; Justo, 1998; Nascimento & Justo, 2000; Singer, 1999; Snow & Anderson, 1992/1998).

Vivendo na situação extrema de isolamento, desassistência, solidão e desamparo, não é raro encontrar casos de andarilhos de estrada com manifestações de persecutoriedade e pensamentos delirantes de si e do mundo, bem como delírios derivados do consumo abusivo de álcool durante muitos anos (Justo, 2000; Snow & Anderson, 1992/1998). Boa parte desses andarilhos é formada por egressos de hospitais psiquiátricos que foram lançados, *larga manu*, ao “mundo” pelas políticas de desinstitucionalização estabelecidas para combater o modelo asilar de confinamento da “loucura”, vigente até há bem pouco tempo. Porém, também aqueles lançados à errância pela miséria e pelo desemprego acabam expostos à produção de visões e idéias delirantes.

Liberados do confinamento forçado e sem a possibilidade de um reassentamento social mínimo, mediante o resgate de uma moradia, trabalho, dos vínculos familiares, acabaram encontrando na perambulação pelas estradas ou na itinerância de cidade em cidade, a única forma de sobrevivência. Outra parcela dessa população, embora originária dos desalojamentos progressivos do trabalho, moradia, da família e demais vínculos psicossociais, acabou encontrando nos longos anos de errância pelas estradas, apenas a companhia dos próprios delírios. (Justo, 2000, p. 20)

Assim, desfiliaados ou deserdados dos nichos sociais e das redes que conectam os indivíduos entre si, provendo uma sustentabilidade e uma ancoragem mínima, os andarilhos acabam movimentando-se a esmo, tanto no plano geográfico, como no psicossocial. A passagem do sedentarismo para o nomadismo, no caso dos andarilhos de estrada, implica fundamentalmente o abandono das referências identitárias fixas e estáveis. Ou seja, ocorre um distanciamento dos referenciais externos e internos, estáveis e perenes, tomados como

matas, plantações, eventualmente uma casa de campo, animais e tudo o que mais “passa” pelo andarilho. O “gogó de ema”- saco que carrega às costas e que é usado em seu cotidiano e que o acompanha diuturnamente, a “ema” é uma gíria utilizada pelos andarilhos para designar o que carregam. Segundo eles, tal como o pato, o andarilho também comporta qualquer coisa e está sempre pronto para a viagem.

Diferentemente do que ocorre na vida sedentária, a vida de quem é quase inexistente na vida do trecheiro. Carrega um gale de cachaça, pernoite, e assim por diante, sem paradas, diferentes das anteriores, tornando cada ato de deslocamento uma necessidade um ato inovador revestido de novidade e descobertas. O esforço pela sobrevivência acaba sendo uma labuta individual e solitária. Ele vive, ainda que em um isolamento e rarefação de relacionamentos.

A grande referência identitária desses sujeitos é a história. Embora carregando a história de vida, as lembranças das vidas, o nome, os marcos da origem e das fundações, e apesar de se reconhecerem por essas ancoragens, não se referem como referência pessoal mais imediata. Eles se autodenominam “trecheiros” e se reconhecem mutuamente fundamentalmente por habitarem esse espaço de deslocamento.

“Trecho” e “Trecheiro”, portanto se confundem. O trecho se constitui no “trecho”, isto é, na andança, no trânsito, no espaço relativamente ilimitado de deslocamento, pontos de fixação. As constantes referências aos locais percorridos denotam a importância para o sujeito do espaço vazio que interliga as cidades.

O trecho pode ser o caminho percorrido em diversas estradas, cidades, estados atravessando fronteiras e estrangeiras, até o modo de viver a trajetória em movimento. Pode ser, também, uma alusão à ideia de um lugar habitado que, nesse caso, tal como a ideia de uma tartaruga, acompanha o sujeito por onde ele se move.

A mobilidade e a volatilidade do andarilho o expõem a uma experiência contínua e semelhante à de um viajante, um turista ou a de um transeunte, passageiro ou estrangeiro do sujeito comprometendo seu reconhecimento do mundo. Segundo Ferreira (1999):

movimentações psicológicas e subjetivas, também elas podendo assumir um caráter errático.

Calligaris (1989), discutindo a estruturação da psicose, pergunta: “O que é a organização de um sujeito estruturado na psicose, mas que nunca entrou numa crise delirante?” (p. 13). E responde:

É um sujeito eminentemente errante, errante no sentido da errância não do erro. ... Trata-se de um horizonte de significações que não é organizado ao redor de uma significação central que organizaria todas as outras. E, como consequência dessa posição, o sujeito tem que errar. Mas errar não na procura de algo que poderia ser encontrado como significação final, nada disso. Isso seria mais o ‘erro neurótico’ do que o ‘errar psicótico’. Errar porque não existe um lugar a partir do qual podemos medir a significação do que estamos fazendo. Nesta medida é evidente que a única coisa que resta é percorrer todos os caminhos. (p. 13)

O andarilho, psicótico ou não, parece estar constituído nessa estrutura de ausência de um eixo central organizador de sua vida, de suas buscas no plano afetivo, social ou econômico. Não está orientado para objetivos, finalidades e nem articula os sentidos de suas ações e realizações a algo que possa organizar e dar alguma significação geral a seus atos de rotina. Parece viver, efetivamente, essa condição de fluidez e errância tanto no plano externo como no interno. Não erra apenas no plano geográfico, mas através do delírio, erra no plano psicológico exatamente para não possibilitar o conhecimento e o conseqüente questionamento e controle de suas crenças pelos outros, o que seria inevitável em relacionamentos intensos e próximos. O psicótico e o andarilho talvez se refugiem em suas idéias e delírios para manterem, com a solidão, a sua crença.

O delírio, assim como todo sintoma, pode ser compreendido como uma manifestação do inconsciente do sujeito e um modo de realização de desejos, além de ter uma função restauradora do mundo, num esforço para reconstruir um cenário em que os objetos possam ressurgir e serem reinvestidos, objetos estes que foram, através do recalçamento, abandonados pela libido desligada das coisas e das pessoas anteriormente amadas. Na psiquiatria clássica, o delírio é tomado, de maneira geral, como desvios ou idéias absurdas, falsificações da realidade ou alterações do juízo produzidas por desvios do pensamento presentes nas psicoses do tipo paranóide e parafrênica (Melo, 1979). Etimologicamente, a palavra *delírio* surgiu da contração do

Com essas características básicas em diferentes graus de intensidade, psicoses agudas até pensamentos psicológicos menos abrangentes ou esferas da atividade do sujeito ou o fanatismo são expressões de idéias adesão e confirmação incondicionais tomados como manifestações de psicoses agudas, o delírio acompanha o funcionamento psicológico e é marcada por sensações de estranhamento que o rodeiam. Normalmente, a percepção permeada por sensações ou por um intempestivo e estranho está por um esvaziamento do Eu que abrem para idéias delirantes, chegando ao estado invadido ou possuído por forças

Nos estados psicóticos mais graves, as sensações e as percepções são distorcidas, percebido e decodificado em função do funcionamento psicótico marcado pela diluição dos limites entre o Eu e o mundo. Nas formas extremas, o delírio ocorre sem qualquer fator identificável. Não há qualquer fator desencadeador das idéias delirantes. Entre as ideativas delirantes há uma sobrevalorização afetiva amplificada em interpretações e fabulações, no delírio irrompem sem qualquer motivação

O delírio opera, fundamentalmente, na percepção, produzindo conexões e interpretações, sem a preocupação em ter uma crítica, criticamente, mediante o rastreamento realizado ou pela prospecção de outras formas, afeta a intuição criando percepções indomáveis; age na imaginação, cria memórias e imagens fantásticas; interfere na interpretação dos fatos e acontecimentos, entre dados da percepção em si apreendidos a percepção, criando imagens distorcidas

interpretativa, seu caráter errático e errante no sentido de fugir das convencionalidades cognitivas estabelecidas, sua capacidade de fazer o pensamento percorrer caminhos inusuais e realizar conexões extravagantes e absurdas e, ainda, sua função restauradora, ou seja, sua tentativa de recompor o sujeito no cenário do seu mundo.

Partindo destas considerações, o presente artigo, derivado de pesquisa baseada em estudo de caso, tem como objetivo apresentar, analisar e discutir as narrativas delirantes vivenciadas por andarilhos de estrada, procurando demonstrar conexões entre a produção delirante e a condição de errância na contemporaneidade.

Método

Tais narrativas foram obtidas através de entrevistas realizadas nas rodovias das cercanias da cidade de Assis, São Paulo, e no Cetrem (Centro de Triagem e Encaminhamento do Migrante) dessa mesma cidade. Tal entidade assistencial é mantida pela prefeitura municipal e é responsável pelo recolhimento de toda população migrante que passa pela cidade: mendigos, moradores de rua, itinerantes em busca de trabalho, trecheiros e andarilhos.

As entrevistas semi-estruturadas procuravam focalizar a história de vida do sujeito tentando percorrer os fatos e acontecimentos que foram mais significativos para ele, sua compreensão dos motivos que o levaram a romper com o sedentarismo e sua compreensão dos sentidos da errância ou da vida no “trecho”.

No Cetrem, apesar da curta permanência dos sujeitos nesse local, foi possível realizar as entrevistas numa situação bastante favorável. Tendo-nos sido cedida uma sala isolada; pudemos estabelecer contatos preliminares expondo os objetivos do trabalho, propondo o “contrato” e realizando uma primeira escuta das demandas do sujeito; fizemos retornos em função das necessidades da pesquisa ou de demandas do sujeito surgidas ao longo das sessões de entrevista. Tudo isso, tornou possível a constituição de relacionamentos marcados pela compreensão da natureza do encontro, pelo senso de compromisso e responsabilidade com o acordo estabelecido e pela confiança entre as partes.

As entrevistas realizadas nas estradas tiveram um enquadramento bem diferente, o que não significa perda de qualidade ou de confiabilidade nos dados obtidos. Nesse caso, o procedimento foi modelado conforme as condições em que vivem os andarilhos, ou

dispondo-se, inclusive, a sentar-se à sombra de alguma árvore ou algum outro recanto um pouco mais recuado para se tornar confortável, mostrando-se bastante à vontade com a nossa presença.

Evidentemente que, nessas condições, as entrevistas foram restringidas a um único contato, tornando impossível o estabelecimento de um *rapport* mais efetivo e a possibilidade para aprofundamentos ou esclarecimentos sobre o assunto. Apesar dessas limitações, o contato estabelecido na estrada oferece outras vantagens. Ocorre que o sujeito, num momento em que está vivendo pela primeira vez sua condição de errante e insere minimamente na sociedade, nessa condição, permitindo-lhe um contato com o mundo, e, em breve, com alguns aspectos desse cotidiano: o contato com a rodovia, o impacto do vento produzido pelos veículos, a sensação de medo e insegurança ao enfrentar a velocidade e proximidade dos veículos, a sensação de solidão e aridez da estrada, a solidão expressa no contato com as terras contíguas ao acostamento completamente desabitado, outras sensações provocadas por esse lugar.

Para assegurar a privacidade e o sigilo das informações fornecidas pelos sujeitos, foram utilizados pseudônimos. Além disso, destacar, ainda, que o roteiro de entrevistas foi elaborado em 196/96 sobre pesquisas envolvendo seres humanos, aprovada pela Comissão de Ética em Pesquisa da Faculdade de Medicina de São Paulo.

Resultados e Discussão

Caso 1: Uma História Delirante

Messias. Messias é um rapaz de 36 anos e já está errando há alguns meses. Quando o encontramos no Cetrem, estava em uma situação bastante engessada devido a um acidente que sofreu na noite de 15 de março de 1996, no Raposo Tavares (SP-270) rumo à cidade de Iguape, no interior de São Paulo. Nessa ocasião, nos disse que foram dois homens que tentaram matá-lo, fazendo referência aos policiais que, segundo ele, o estavam perseguindo há muito tempo. Ele contou-nos que em que resolveu abandonar o lar. Conta que foi uma situação conflituosa após o “sumiço” do pai que, segundo ele, foi pelos policiais durante o regime militar. A partir desse momento, ele abandonou o lar e optou, no início, por um estilo de vida errante.

falei com Deus, dentro de meu ser, né, e falei: “olha Deus, eu vou andar pelo mundo, pelas estradas, por esses asfaltos, por essas linha de trem com o propósito... eu tinha perdido era meu pai em 1979, até um dia eu encontrar ele porque ele saiu de casa, foi para uma penitenciária... e eu já sabia das coisas que acontecia dentro da Polícia Militar, que ele sumia com as pessoas e dava notícias daquelas pessoas que tinha morrido”. Eu saí pelo mundo, um andarilho me tornei aí, na finalidade de encontrar meu pai... e pagar os meus pecados daquela vida do passado, do hippie, daquele que tirava talvez um prato de comida da boca de uma criança pra gastar com maconha, com álcool, em coisas soberbas. Então por causa disso hoje eu prefiro ficar na classe dos andarilho.

Messias também nos conta sobre seus sentimentos ambivalentes com sua mãe, renunciando ao seu amor por ela devido ao desaparecimento do pai. Ele nos revela que é difícil compartilhar seu amor somente com a mãe, pois, para ele isso só seria possível na presença do pai. Desconfiado das histórias que lhe contaram quando criança sobre o paradeiro de seu pai, passou a duvidar das explicações fornecidas pelos policiais militares e decidiu investigar essa história pessoalmente no caminhar pelas estradas, levando, inclusive, mensagens divinas por onde passa:

... a minha mãe é uma grande senhora, dona de si, mas pela morte de meu pai e o meu amor que tinha perante os dois até os 17 anos, eu achei que não adiantava ficar com minha mãe, dando amor para minha mãe, sabendo que meu pai eu iria descobrir pra ver se tava morto ainda. Porque aquelas histórias de ter morrido numa cerca de arame, de um raio, pelos delegados, passou por todos eles, mas dentro do meu coração, não, então eu sabendo disso pra não dar o amor, que eu sempre queria dar o amor meu para meu pai, minha mãe, eu resolvi não dar mais para nenhum dos dois mais... Se meu pai morreu, eu achei que minha mãe não merecia meu amor... mas eu também cheguei um ponto de tanto sofrer no mundo, que para mim não dava êxito e então estou aí na estrada procurando meu pai pra mostrar pros policiais que eles estavam enganados, que ele tá vivo morando em alguma mata por aí e eu vou achar ele, se Deus quiser porque dentro do trecho, eu dizendo pra você que a única coisa que temos que respeitar é Deus. Deus e os superiores, as autoridades das forças maiores e não se levar por espíritos malignos, perversos que existem na face dessa Terra... um dia todos nós vamos morrer e nós não sabemos nada desse mundo... hoje eu tento pregar a palavra de Deus.

Decididamente, o ápice da narrativa de Messias é apresentado a seguir quando compara a vida de andarilho com a caminhada de Jesus para o Calvário, associando o sofrimento da estrada carregando

morte, todas as pessoas que me ajudaram, calculo mais ou menos umas 40.000 ajudaram, a minha família é 10, mas 50.000 (sic) é a multiplicação. Já posso pelo mundo, um dia eu posso ser a humanidade dos pecados, só isso.

O conteúdo dessa fala é um delirante despertada na trajetória que se configuram os andarilhos, condutas de andarilhos possam ser bizarras ou até mesmo desviantes, dinamismo que percorre essas interpretações delirantes. São nítidas feitas pelo próprio sujeito entre o errante, e os sentidos que atribui a

A culpabilização é um dinamismo nas subjetivações desse andarilho. explícita, quando se responsabiliza julga ter causado a outros, vende implicitamente, quando se refere a da figura materna por entender que colocá-lo num segundo plano por seu amor a ele em função de sua a

A busca do pai, a procura da desaparecida enigmaticamente, próprio, alude a uma experiência como perda da figura paterna altar pai desaparecido, ausente, também Deus em quem disse ter encontrado dos pecados, tomado como o sentido andarilho. Conforme suas palavras para encontrar seu pai, pagar seus transformar-se num Deus e ajudar

A megalomania e a inflação formações bastante comuns nos delirantes, caso, muitos se atribuem missão humanidade e entendem suas caminhar desse desígnio. É freqüente, ainda, de e superpotencialização de si, imaginando tal como Messias fala de andarilho imortalidade podendo, inclusive, se em plano trânsito das estradas

por interpretações que resultam em narrativas de estilo épico caracteristicamente desenvolvido em torno de feitos heróicos de um personagem central capaz de desafiar e vencer os mais temíveis perigos em prol da coletividade.

Dentro dessa “lógica” delirante, o caso de Messias se distingue de outros andarilhos não delirantes por produzir uma narrativa tão singular que o diferencia, também, pelas estratégias de sobrevivência utilizadas na estrada. Em sua labuta cotidiana, parece que essa condição de vida, permeada por sofrimento, desmazelo e situações extremamente precárias, tem pouca ou quase nenhuma importância para ele. Tudo é compensado por seu sonho de se tornar um Deus e poder realizar a gloriosa missão de “salvar” a humanidade dos pecados. A perambulação constante e todas as demais condições objetivas que acompanham sua existência são assimiladas e justificadas como parte de seu processo vital e de seu projeto de vida.

A fluidez que permeia seus “delírios”, dada pela ampla possibilidade de estabelecer nexos associativos entre as imagens e as percepções que brotam do seu presente e das recordações de seu passado, parece-lhe proporcionar um certo sentido de vida aparentemente indolor em que a lógica da realidade é rarefeita e desconsiderada de impressões do cotidiano. A função restauradora do delírio, nesse caso, fornece generosas compensações para as percepções e vivências das condições de pobreza extrema e dos sofrimentos deflagrados por conflitos emocionais e afetivos ocorridos nas relações familiares. As perdas dos vínculos com a família são compensadas, tal como transparece em sua fala, pela multiplicação de seus relacionamentos hoje beirando a cifra de 40 ou 50 mil pessoas, segundo seus cálculos, que o ajudaram e que agora toma como sua grande família. A compensação maior de toda situação de paupéria e sofrimento, vivida no passado e no presente, é dada pela sua expectativa de transformar-se em Deus dessa nação que julga estar criando em torno de si. A pobreza, o sofrimento e a condição de errante são transformados em vantagens ou dádivas que permitem sua ascensão ao topo maior das aspirações humanas: um lugar ao lado de Deus.

Messias parece viver sua *errância* de maneira “livre e desimpedida” por não estar inserido nas armadilhas da fixação social que pode, às vezes, aprisionar o sujeito e impedi-lo, assim, de desfrutar a autonomia que a transitoriedade nos espaços abertos pode tornar

A crença de Messias de que as agruras de serão recompensadas pela sua beatificação é ser comum que também acredita que seus sofrimentos divinas para o acesso ao paraíso celestial. Com a diferença entre um delírio psicótico propriamente delirante: ambos assumem um caráter sobrevalorado e cognitivo fornecendo recursos psicológicos e apaziguadoras dos conflitos emergentes nas suas vidas. O distinto entre ambos é a intensidade da sobrevalorização das crenças estabelecidas e a abrangência de suas vidas. Ele vive intensamente uma crença no seu devir beatífico em todo seu cotidiano e todo o sentido de sua vida é o acontecimento.

Caso 2: Delírio Associado ao Abuso de Alcool

Dionísio. Dionísio é um rapaz de 41 anos de idade. Nas rodovias há 11 anos. Sua história de vida é marcada por conflitos no núcleo familiar desde a morte do pai, contava com 8 anos de idade. Após a morte do pai, emigrou para a cidade de São Paulo em busca de oportunidades de trabalho. Dionísio nos conta que era maltratado pela mãe que o prendia no quarto, que, entre um conflito e outro, acabou internado aos 9 anos de idade. Após esses episódios de internação com uma das irmãs até a idade de 20 anos quando teve um filho desse relacionamento que durou apenas um ano, que nessa época fazia uso pesado de bebidas alcoólicas, pressionado a arcar com o ônus da vida sem receber pagamento de aluguel, despesas domésticas, e outras responsabilidades, resolveu abandonar a cidade e se tornar sedentário e perambular sem destino pelas rodovias.

Ela [esposa] simplesmente não conseguiu se manter, ela, me pressionava o dia inteiro, me xingava, e acabou, levou meu filho embora... aí resolveu buscar um trabalho e tô assim até hoje... às vezes [trabalho temporário] num lugar e outro, mas a bebida me isolava... quando começo a passar dificuldades, humilha, a gente passa muita humilhação e aí se dane, eu vou beber mesmo, eu quero beber mesmo, quero sair da realidade... porque quando a gente é tão cruel da maneira que tá, é difícil cê conviver com

... já que é assim, não resolve fugir dele... Ele quer te pegar, mas cê é mais esperto, entra no mato, se esconde... o elefante branco, cê tem que sair correndo senão ele te pega e te leva, mata... então o que acontece? Eu agüentei 42 dias! Quando passa os primeiros 20 dias, me ataca os nervos de uma maneira que eu começo a maltratar as pessoas... não é que eu sou agressivo, mas parece que é a falta de álcool no sangue... que nem eu tô aqui [Cetrem] pra ver se consigo um sapato, ou um chinelo que seja... meus pé tá cansado de pisar nesses bichos... baratas, vermes de todo os lados onde cê vai tem eles... eles brota do chão igual água e cê tem que passar, não tem jeito, não tem outro caminho, cê tem que seguir em frente... uma vez tive internado num hospital de louco, eu já passei uma experiência, 04 meses foi uma maravilha, 04 meses saí de lá, fugi, sendo que era pra ficar mais tempo... com 09 meses eu voltei a beber e depois disso desandei... eu tenho pavor, tenho medo de passar o que passei...

O relato de Dionísio expõe uma trajetória de vida bastante comum entre os andarilhos. Migração da família, vivência intensa da penúria, sofrimentos e abandono na infância, desavenças no relacionamento com a mulher e alcoolismo. O uso de bebidas alcoólicas invariavelmente é justificado como um poderoso sedativo para os sofrimentos vividos tanto no sedentarismo como na errância, um meio de esquecer o passado, como muitos afirmam ou de “sair fora do ar... sair da realidade”, como enfatiza Dionísio. Frequentemente, os andarilhos mencionam em suas histórias de vida que o uso de bebidas alcoólicas marcou profundamente o ápice da crise que culminou com sua deserção da vida sedentária. Mencionam também que a bebida ajuda a suportar as adversidades e a solidão da condição de errantes (Nascimento & Justo, 2000).

Embora o alcoolismo e o uso abusivo de outras drogas possam ter como pano de fundo um quadro de dependência fortemente enraizado na estrutura psicológica do sujeito, a fronteira entre o uso autônomo e o uso dependente do álcool não é sempre fácil de discernir, especialmente entre os andarilhos de estrada. Seja como for, o fato é que Dionísio se declara dependente de bebidas alcoólicas e toma seus pensamentos, mergulha neles, com um enorme senso de realismo. Os inusitados episódios dos “vermes que brotam do chão” e a história do “elefante branco” podem ser tomados como uma produção delirante de seu pensamento, mas, obviamente, isso não quer dizer que seja uma idéia ou uma imagem desconexa, arbitrária e desprovida de sentido ou de inteligibilidade. Pela experiência que acumulamos no tato com o universo dos andarilhos e sabendo do

suas intermináveis jornadas e a cada vez que a vida errante parece propiciar, pelo menos, a vivenciar seus delírios sem o incômodo do regime de confinamento e disciplina.

Dionísio fala das transmutações, das oscilações de seu estado de espírito, que oscilam entre o uso do álcool ou da abstinência. O “trecho” como consequência da interação com a mulher e dos atritos e discórdias com o uso de álcool e ao desemprego. Parece um meio de se distanciar de tudo o que sente e do sofrimento: a mulher, o elefante branco.

Mesmo sendo potencializados os conteúdos de seus delírios denotam uma dinâmica, embora assumindo uma dinâmica peculiar, uma condição objetiva de existência marcada pelo desemprego e da miséria. Denunciam tantos “elefantes” que ameaçam esmagar o que “correr” ou fugir para sobreviver. São como metáforas através das quais expressam a hostilidade e a rejeição, presentes nos relacionamentos e nas fundações

Caso 3. Sr. Felipe e um Delírio Mega

Sr. Felipe. Sr. Felipe foi um dos entrevistados que encontramos e entrevistamos no ano de 2000. ele tivemos a oportunidade de recontar sua história permanecido cerca de uma semana na cidade de Marília, situada na região do interior de São Paulo. A primeira entrevista foi realizada quando ele estava aproximando dessa cidade, na região onde ocorreram junto à barraca que me hospedou e nas imediações do trevo de acesso à cidade.

Diferentemente da maioria dos andarilhos, consigo um carrinho, ou melhor, um cachorro que o acompanhava: um pequeno salvação sua vida algumas vezes. Ele se acostuma a estar bastante precário, com uma metálica assentada sobre duas rodas, que formavam o caixote onde trans

e matérias sobre sua aventura, feitas por repórteres das cidades por onde passava interessados em sua epopéia.

Nascido na Argentina e falando uma mistura de português com espanhol, tinha aproximadamente 55 anos de idade, era bastante receptivo ao contato, falava com eloquência e ficava à vontade, às vezes, dando gargalhadas. Seu olhar era fugidio, dificilmente fixava-se no interlocutor e possuía dois tiques nervosos que ocorriam com bastante frequência. Num deles, repentinamente, esfregava freneticamente os dedos na palma de uma das mãos dizendo rapidamente: “*plata, plata, plata, cuatro puntus cardinales*”. No outro, coçava o canto de um dos olhos dizendo: “*Sacaran... mi ojo izquierdo*”. Quanto ao primeiro tique, quando o indagamos sobre o significado daquele gesto, disse que o mundo estava dominado pelo dinheiro e que essa era a origem dos conflitos entre as nações. Sabemos tratar-se de um gesto antigo que, segundo a crença popular, tem o poder de atrair dinheiro. Quanto ao segundo, nos contou que, ainda quando morava na Argentina, teria sido vítima de uma bala disparada por um assaltante perseguido por policiais no interior de um ônibus urbano. Porém, havia se recuperado desse acidente com a ajuda do sol e da lua tidos por ele como seus guardiões.

Conta que sua vida foi marcada por longas andanças. Partiu da Argentina em um navio e desembarcou em Paranaguá, Paraná, daí seguindo a pé por várias cidades como Curitiba, ainda no Paraná, Santos, em São Paulo e Porto Alegre, no Rio Grande do Sul. Em todas as entrevistas respondia prontamente às nossas perguntas, porém, logo começava a deslizar sobre seus delírios acrescentando comentários e relatos de acontecimentos e façanhas bem distantes do que havia sido perguntado e do assunto que estava sendo abordado.

Por várias vezes declarou convictamente que era filho do sol e da lua que lhe davam total proteção e imunidade absoluta, inclusive contra a morte, para levar adiante sua missão de salvar o mundo das armas e das guerras. Dizia textualmente: *La luna es mi mama y el sol es mi papa. Mi elegeran como su hijo en la tierra. Por isso, soy indestutible, porque tengo la protección del sol e de la luna.*

Acreditava que possuía a missão de salvar a humanidade da guerra e por isso tinha que percorrer o mundo. Dizia-se um pacificador em busca do desarmamento e do desmascaramento de governantes gananciosos capazes de arruinar a humanidade. Dizia ainda,

grandioso e pela auto-imputação de uma missão heróica na qual até Cristo teria fracassado.

Numa das entrevistas, o encontramos sentado improvisado com um pedaço de tronco de madeira e placas dos carros que passavam. Quando perguntado o sentido daquilo respondeu simplesmente: *escribo*. Para seguir, pegou uma folha de jornal que estava sobre a mesa e começou a escrever, na parte de cima, a história do Titanic. Seu texto dizia que em 1912 o Titanic, a mando do capitão Tupamaro, com mil pessoas a bordo matando mil pessoas. Ao terminar de escrever a carga da caneta, rolou sobre o polegar deixando uma impressão digital como assinatura. Logo depois, disse que o mate que tomara há pouco - estava com o lado usada como copo - não lhe caíra bem. Então, começou a reprocessar o pó de café e restos de mate já jogados no lixo para fazer seu café e seu chá.

Quando questionado sobre a possibilidade de se fixar e desfrutar da companhia de uma mulher, disse que aquela sua missão - de errante - e que uma vez visitar todas as mulheres do mundo para si e, em seguida, para a Argentina. O Sr. Felipe parecia contente e satisfeito com o que levava. Afirmou que não passava fome, não precisava de auxílio da população rural ou das cidades e não se queixou da sua condição e não tinha preocupações com o provimento das necessidades. Mostrou-se, aliás, muito preocupado com os destinos do mundo.

Seu delírio de *pacificador da terra* a mando de Deus, *o Sol e a Lua* preenchia-o completamente e de suas realizações básicas de sua existência. Sentia-se útil à sociedade, considerando sua missão como o trabalho de uma vez afirmou que esse era seu trabalho ao qual se dedicava afincadamente. Praticamente tudo que fazia era escrever as placas dos carros que passavam pela rodovia e em revistas e jornais, escrever) atribuía às necessidades da humanidade a relação à sua missão.

Mostrava-se resignado com a tarefa que lhe cabia e com os sacrifícios que tinha que fazer para realizar sua missão. Por exemplo, que não podia gozar da companhia de uma mulher significaria cair em tentação e desviar-se de sua missão.

rodoviária também esteve lá exigindo sua transferência para um lugar mais seguro. Sr Felipe acabou abandonando o local e seguindo sua caminhada o que faria independentemente de qualquer pressão.

A condição de caminhante parece ter sido bem ajustada aos conteúdos dos seus delírios e ao sentido básico de sua vida. Nada mais apropriado do que andar pelo mundo para quem tem a missão de promover a paz no planeta e entre os povos. Nesse caso, é notável a presença de um delírio bastante fabulatório, imaginativo, megalomaniaco e paranóide centrado numa firme convicção de ter sido habitado por uma vontade superior que lhe conferiu qualidades especiais, como a imortalidade, um grande poder e a graça de realizar uma missão extraordinária.

Outro aspecto também bastante notável e significativo é a presença das figuras maternas e paternas nos delírios. Tanto o Sr. Felipe como Messias aludem a essas figuras colocando-as num lugar de destaque em suas fabulações. O primeiro fala do sol e da lua como seus genitores que lhe asseguram a máxima proteção e lhe dão poderes especiais, inclusive, a invulnerabilidade contra os ataques de inimigos e malfeitores. O segundo atribui sua errância a uma necessidade incontrolável de procurar o pai desaparecido enigmaticamente, ainda na sua infância.

Ambos parecem profundamente marcados por um desamparo primevo, uma desfiliação originária que os teria desligado de vinculações psicossociais que fornecessem as bases para uma sedentarização. A remissão do desamparo primordial às figuras parentais torna-as catalisadoras de tantos outros desamparos e desfiliações vividos nas relações sociais mais amplas moduladas por um sistema sócio-econômico que aprofunda o individualismo, a competitividade extrema, o consumo, o endividamento, a volatilidade, a dispersão, a rarefação de vinculações estáveis e tantas outras condições que se amplificam ainda mais com a pobreza.

Não tendo cristalizado referências pessoais remetidas a um determinado território psicossocial, fomentador de uma identidade sedentária, buscam na errância ancoragens absolutas representadas pela figura de um pai supremo – Deus – que julgam poder um dia encontrar ou até mesmo assumir o seu lugar. A identidade sedentária, ou seja, representações de si remetidas a um determinado território psicossocial que permitem ao sujeito reconhecer-se como uma continuidade no tempo e no espaço, cada um com uma identidade nômade, cada um tal, respectivamente

como a permanência de repressão e à errância.

Se antes havíamos afirmado o andarilho, ao falarmos de sua la, necessário não perder de vista qu perambulação constitui a repetição andarilho e é exatamente por ela q seus pares. Portanto, parece c nômade” quando nos referimos a fundamentalmente, como errantes a outro. É necessário ainda esclar conceito de “identidade nômade andarilhos, sem pretender esten nomadismo.

Retornando à análise dos delírios radical da errância psicossocial, cabe ser apreendido nos três casos apresen própria do andarilho, possibilita a vi premidas por fugas persecutórias, sedentarismos opressivos e produ insuportáveis, desfiliações sócio-afet contemporâneos de produção de des

Messias não compara, simb errante com a de Cristo carregand entre o “Eu” e o “Outro”, vivend com Cristo acreditando que, co beatitude. Sr. Felipe, da mesma Cristo enviado a Terra para, com s o espírito de paz e evitar a guerra

Trata-se de encontros radicais en imaginárias, gestadas num estado de diferenciação Eu–Outro ou Sujeito com possibilidades de expressão an do cotidiano do andarilho como pelo e dos mecanismos de controle socia

Se a condição de andarilho- retroalimentam-se, estabelecendo u entretanto, que sejam companheiras ou todo andarilho está fadado a pr muitos casos de andarilhos que deliróides como aquelas que acomet

como um aprisionamento a uma compulsão para a caminhada, por exemplo.

Em segundo lugar, as esferas que diferenciamos na constituição do sujeito, como a psicológica, social, geográfica, cultural e assim por diante, não se interligam mecânica e automaticamente. Por exemplo, uma errância geográfica pode se contrapor a um sedentarismo psicológico como ocorre com viajantes que se aparam a determinadas idéias, crenças e vínculos afetivo-emocionais.

Nos casos que trouxemos aqui para discutirmos as relações entre errância e delírio estamos convencidos de que retratam sujeitos nos quais a errância se expressa de forma radical atravessando-os em todos os planos de sua constituição.

Conclusão

A condição de viver em movimento, a provisoriidade de cada momento do cotidiano, o afastamento de referenciais fixos e estáveis e o distanciamento dos marcos de sua história e origem expõem o andarilho a uma possibilidade de desestabilização total de seu Eu lançando-o na errância psíquica típica dos estados psicóticos. Tal condição de errante, embora vivida de forma radical pelos andarilhos, parece não ser exclusiva deles estando sendo disseminada hoje, progressivamente, por todo o corpo social.

O mundo contemporâneo, comprimindo cada vez mais o tempo e o espaço, tende a mergulhar o sujeito numa situação de constantes movimentações psicossociais e geográficas, expondo-o a uma experiência bem próxima da psicose. Tanto os considerados “loucos”, como os “não loucos”, são todos desalojados dos “lugares” para os “não-lugares”, vivendo a errância como um trânsito constante de um lugar a outro.

O fenômeno da migração é o mais conhecido e estudado dentro dos deslocamentos de populações produzidos pelas exigências de movimentação ao longo da história. A figura do estrangeiro e do viajante, desde a antiguidade, tem seu lugar no imaginário social e operou como força considerável na dinamização da economia, da política e da cultura.

Na psicologia clínica, o migrante invariavelmente aparece como mensageiro do sofrimento psíquico disparado pela mudança abrupta e radical do cenário do cotidiano. O choque de realidades culturais distintas e o efeito de estranhamento de si mesmo produzido nessa

andarilho não se choca porque não se confronta com o mundo recolhendo-se na solidão do “trecho”. Vive sem raízes, sem memória do passado ou da terra natal, sem ilusão de progresso na sua vida, solitário, imediatista, individualista.

Fugindo dos aprisionamentos do sedentarismo solitário e sem rumo, torna-se morada privilegiada constituídos na desertão ou num “lugar de fora” onde os afetivos e cognitivos sulcados na lógica psicótica e o delírio pode ser compreendido como expressão do pensamento ou da percepção que escapa da referência da subjetividade, um significante central que se organizariam as demais significações. Analogamente, também escapam de um lugar identitário – um lugar geográfico no qual se encerra a subjetividade sem rumo no amplo horizonte de uma subjetividade sem rumo em pleno movimento e sem fixações: uma subjetividade nômade.

Entretanto, se no momento de ruptura com o andarilho vive intensamente essa libertação das condições que o enclausuravam num determinado contexto psicossocial, acaba também sendo prisioneiro de condições que o impulsionam às constantes e intermináveis viagens de um tempo de estrada, entre idas e vindas, variando o retorno ao sedentarismo e, sobretudo, depois de um tempo e os sofrimentos das condições de vida com o desejo de assumir a identidade de errante, incorporando o desejo de perambular e o temor de qualquer tipo de constituintes fundamentais de sua pessoa.

As idéias delirantes, quando irrompem, expõem a vivência da errância. Primeiro, tais idéias abandonam o exame crítico convencional, ou os cativeros da realidade e passam a buscar a compreensão de si mesmo através das percepções, representações e conexões mais variadas escapam de enquadramentos e corredores assombrados da “normalidade cognitiva”. Segundo, os conteúdos delirantes denunciam os conflitos e os sofrimentos subjetivos ou potencializados por ela.

Os estados maníaco-depressivos são claramente característicos dos andarilhos. As intensas queixas de sofrimentos subjetivos, no gregarismo sedentário, a renúncia à convivência com os outros, a busca da solidão, a fuga para o interior, a

sedativos para as angústias e os sofrimentos vividos no desamparo e na extrema solidão. As imagens que criam de si como “heróis” que conseguiram se lançar à realização de uma missão profética ou mesmo aquelas imagens mais suavizadas em que se retratam como destemidos desbravadores de caminhos desconhecidos em busca de um sonho de liberdade indicam a tentativa maníaca de compensar as imagens de impotência, miserabilidade e fracasso que se doam fartamente para a percepção de si mesmo e de seu mundo.

A paranóia é outro dinamismo bastante visível nos delírios dos andarilhos. A persecutoriedade aparece com bastante frequência sob a forma de imagens e idéias que denotam temores, perigos e ameaças que rondam suas mentes. O engrandecimento narcisista que infla o “Eu”, permitindo ao sujeito visualizar-se como um grande personagem da história da humanidade, portador de uma missão megalomaníaca, acaba por trazer, em contrapartida, também a reconversão da hostilidade projetada no mundo, colocando o próprio sujeito como centro da ira ou de tramas de adversários. No mínimo, aparece nos delírios paranóides a suspeita de que inimigos ocultos estão tentando solapar a missão megalomaníaca para impedir a realização da grande obra, como acontece com o Sr. Felipe.

A persecutoriedade é companheira inseparável dos andarilhos, seja em grau elevado, fomentando delírios ou atuando de forma mais amena despertando sentimentos de desconfiança e atitudes de suspeita e distanciamento dos outros. O “*trecho*” é visto como um “*mundo selvagem*”, sem regras, sem proteção ou garantias coletivas de qualquer natureza. De fato, caminhando sozinhos pelos acostamentos das rodovias estão completamente expostos às mazelas da natureza e à arbitrariedade daqueles que se impõem como donos da estrada, essa “*terra de ninguém*”. Soma-se à percepção dos perigos da estrada, a irrupção dos fantasmas de hostilidades vividas nas experiências afetivas primeiras, tornando o mundo do andarilho prenhe de temores e alertas, sinalizando a abundância de adversidades.

A mobilidade extrema, a solidão, a volatilidade das referências identitárias e o esmaecimento do Outro potencializam movimentações psicológicas de cunho nômade e errante possibilitando a eclosão de idéias delirantes com as quais o andarilho apreende e representa ele mesmo e o seu mundo. Seja qual for o delírio, mesmo sendo tomado como uma visão e compreensão da realidade que salta das percepções, dos raciocínios e das lógicas dominantes, é necessário decodificá-lo em sua própria lógica, em

simbolização para apreendermos o mundo que produz.

Os desvarios delirantes dos andarilhos podem ser compreendidos nos processos psicológicos que expressam de forma contundente e direta a experiência de aprisionamento, controle e sujeição. Mais do que isso, os delírios dos andarilhos também como expressões de uma condição de vida presentes na sociedade contemporânea podem ser compreendidos como e

Referên

- Calligaris, C. (1989). *Introdução a uma clínica da loucura*. São Paulo: Médicas.
- Castel, R. (1994). Da indigência à exclusão. In *Saídeloncurra* (Vo. IV; pp. 21-48). São Paulo: Companhia das Letras.
- Castel, R. (1998). *As metamorfoses da questão social*. São Paulo: Vozes. (Original publicado em 1995)
- Ferreira, A. P. (1998). Migração: Desdobramentos da Psicologia, 8, 97-115.
- Ferreira, A. P. (1999). *O migrante na rede do outro*. Rio de Janeiro: TeCorá.
- Jacques, M. G. C. (1998). Identidade e trabalho. In A. Tamayo, J. E. B. Andrade & W. C. (Orgs.). (pp. 41-47). São Paulo: Cooperativa de Trabalho.
- Justo, J. S. (1998). Errâncias e errantes: Um estudo sobre a condição do migrante. In Em J. S. Justo & R. Y. Sagawa (Orgs.), *Errâncias e errantes*. São Paulo: Arte & Ciência.
- Justo, J. S. (2000). Saúde mental em trânsito: O migrante e a sociedade contemporânea. Em M. L. N. (Org.), *Saúde mental* (pp. 09-29). Maringá, PR: Eduel.
- Melo, A. L. N. (1979). *Psiquiatria*. Rio de Janeiro: Guanabara.
- Nascimento, E. C. & Justo, J. S. (2000). Vida e morte: A experiência social. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 13, 5.
- Signorini, I. (1998). Figuras e modelos da condição do migrante. In Signorini (Org.), *Língua(gem) e identidade*. São Paulo: das Letras/ Fapesp.
- Singer, P. (1999). *Globalização e desemprego: Diálogo*. São Paulo: Vozes.
- Snow, D. & Anderson, L. (1998). *Desafortuna*. São Paulo: Vasconcelos, Trad.). Petrópolis, RJ: Vozes.